

Rev. Conrado Hock

## **Os temperamentos**

**Para nos conhecermos melhor e ajudar-nos a amar segundo a Família de Nazaré**

*Obra da Sagrada Família para a santidade dos lares*

*Paróquia Santíssimo Redentor*

NIHIL OBSTAT:

H. B. RIES

*Censor librorum*

IMPRIMI POTEST:

OTTO BOENKI, S.A.C.

*Superior Maior*

IMPRIMATUR:

SAMUEL ALPHONSUS STRITCH

*Archiepiscopus Milwaukiensis*

### **APRESENTAÇÃO**

São Bernardo, 23 de janeiro

Festa do noivado de São José e da Virgem Santíssima

Ave Maria Puríssima!

Queridos esposos e pais cristãos,

Os Santos, que são os maiores mestres na ciência da santidade, insistem na importância de conhecermos bem a nós mesmos para ajudar-nos a realizar nossa vocação. Por isso, colocamos à disposição este breve texto de um sábio sacerdote.

Espero que possa ajudar as nossas famílias, começando por vocês mesmos, a se conhecerem melhor para se amarem mais cristãmente, e, assim, dar grandes passos no caminho da santidade conjugal, e ao mesmo tempo animar a seus filhos na grande tarefa de conformar toda a vida familiar segundo o divino modelo de Nazaré. Este escrito ajudará cada um a tratar e ser tratado segundo os dons particulares que recebeu de Deus, e também facilitará a correção mútua no amor, para juntos obtermos a coroa da Glória celestial.

Encomendemos o fruto espiritual deste opúsculo à Sagrada Família, com quem queremos reinar no Paraíso.

Pe. Pedro-Félix Salas F.

Pároco

## **PREFÁCIO**

1. Diante da grave crise educativa que sofremos, devemos ter presente que para superá-la precisamos implementar não apenas o treinamento do intelecto, mas também o da vontade e do coração. Em outras palavras, a formação do caráter, que era tão importante para Santo Alberto Hurtado, é tão necessária quanto a aquisição de conhecimento, se não for mais. Por isso mesmo, sem esquecer os elementos naturais da formação integral, deve-se ter clara a primazia absoluta dos meios sobrenaturais.

2. As habilidades intelectuais não são prova de que um homem será capaz de superar as dificuldades da vida e aderir aos verdadeiros princípios de ação em tempos difíceis. A vida está cheia de dificuldades, daí a necessidade da formação do caráter.

3. A formação do caráter exige, antes de mais nada, o conhecimento do ideal que “dará direção, medida e valor ao esforço” (Mons. William J. Kerby). Daí devem-se deduzir os objetivos, meios e caminhos da educação. Aquele que quiser ser um bom cristão, um santo, terá, necessariamente, de seguir e procurar meios e caminhos diferentes dos que os mundanos seguem.

4. Requer-se também um sincero conhecimento de si mesmo, das forças do corpo e da alma, dos pontos fortes e das fraquezas pessoais, das qualidades e defeitos. O antigo adágio grego “conhece-te a ti mesmo” continua sendo verdadeiro hoje.

5. O conhecimento do temperamento que Deus nos deu tem sido considerado pela tradição eclesiástica e tem sido de grande ajuda para saber viver melhor, enfrentar as dificuldades da existência e, sobretudo, empreender o caminho da santidade.

## **CAPÍTULO I:**

### **OS TEMPERAMENTOS EM GERAL**

## I. INTRODUÇÃO

Sócrates, um dos mais famosos sábios da Grécia, ensinava e usava como axioma com seus discípulos o célebre “conhece-te a ti mesmo”.

Um dos meios mais seguros para aprender a conhecer a si mesmo é o estudo dos temperamentos, pois se um homem conhece perfeitamente seu temperamento, pode facilmente aprender a guiar e controlar a si mesmo. Se for capaz de discernir o temperamento dos outros, poderá compreendê-los e ajudá-los melhor.

## II. OS QUATRO TEMPERAMENTOS EM GERAL

Se considerarmos a reação de várias pessoas à mesma experiência, vamos perceber que é diferente em cada uma delas: pode ser rápida e perdurável; ou lenta, mas perdurável; ou pode ser rápida, mas de curta duração; ou lenta e de curta duração. Essa maneira de reagir, ou os diferentes graus de irritabilidade ou excitabilidade, é o que chamamos **temperamento**. Há quatro temperamentos: colérico, melancólico, sanguíneo e fleumático.

O sanguíneo é rápido, mas pouco profundo, com uma irritabilidade superficial; o colérico é rápido, mas forte e perdurável em sua reação; o melancólico é lento, mas profundo; o fleumático é lento, mas pouco profundo em sua irritabilidade. Os dois primeiros são chamados extrovertidos, e os outros dois são introvertidos e reservados.

O Dr. Jorge Hagemann diz em sua *Psicologia*: “As modificações (ou diferenças) dos estados gerais da alma se referem menos ao conhecimento que ao sentimento, ou seja, menos ao espírito que ao coração. Nem tanto no modo de conhecer quanto na maneira de sentir e apetecer, se manifesta de que modo o coração, centro dos sentimentos e afetos, é, em cada pessoa, mais fácil ou lentamente, mais profunda ou superficialmente irritável. Essa diversa irritabilidade do coração ou a diversa índole com que uma alma se inclina a um determinado sentir ou apetecer, se chama temperamento. Considerando os traços fundamentais dos temperamentos individuais e agrupando-os segundo suas semelhanças, pede-se dividi-los em quatro grupos, aos quais já a antiguidade deu seus nomes estáveis, unindo teorias arbitrárias com observações acertadas: temperamentos sanguíneo, colérico, melancólico e fleumático. Esses temperamentos se distinguem entre si: a irritabilidade do sanguíneo é fácil e superficial, a do colérico fácil e profunda, a do melancólico é lenta e profunda, e, por fim, a do fleumático é lenta e superficial. Visto que coração (o sentimento e o afeto) está tão intimamente relacionado com o espírito e a fantasia, a sua diversa irritabilidade tem, conseqüentemente, uma diversa atitude na própria razão e na própria fantasia”.

O temperamento é, pois, uma disposição fundamental da alma, que se manifesta particularmente quando esta recebe uma impressão no pensamento, seja por ideias acerca de algo ou representações da imaginação, seja por acontecimentos exteriores. O temperamento nos dá a resposta a estas perguntas: Como se conduz o homem? Que sentimentos o detêm? O que o impulsiona a agir, quando algo o impressiona? Assim, por exemplo: Como se comporta uma alma quando é louvada ou repreendida, quando se lhe ofende, quando percebe

em si certa simpatia ou talvez antipatia por tal pessoa? Ou quando, em um temporal ou ao encontrar-se de noite em uma rua deserta, lhe sobrevém o pensamento de um perigo iminente.

Cabe, aqui, fazer as seguintes perguntas:

1. Diante de tais impressões, a alma se irrita com rapidez e força, ou, ao contrário, com lentidão e debilidade?

2. Sob tais impressões, a alma se sente impulsionada a reagir de imediato, ou se sente inclinada a esperar e ficar tranquila? Tais situações movem-na a reagir com ardor, ou a prostrar-se em um estado de passividade?

3. Essa irritação da alma dura por muito ou pouco tempo? Tais impressões ficam gravadas na alma por muito tempo, de modo que apenas com sua recordação se renova a irritação, ou sabe a alma superar de imediato e com facilidade, de forma que a lembrança de uma irritação não chega a provocar uma outra?

A resposta a essas perguntas nos leva aos quatro temperamentos e nos dá, ao mesmo tempo, a chave do conhecimento de cada temperamento particular e individual.

O **colérico** se irrita fácil e fortemente; se sente impulsionado a reagir de imediato; a impressão fica por muito tempo na alma e facilmente conduz a novas irritações.

O **sanguíneo**, assim como o colérico, se irrita fácil e fortemente, sentindo-se, da mesma forma, impulsionado a uma reação rápida; mas a impressão se apaga logo e não fica por muito tempo na alma.

O **melancólico** se irrita bem pouco diante das impressões da alma. A reação não se produz nele ou chega depois de certo tempo. As impressões, no entanto, ficam gravadas muito profundamente na alma, sobretudo se se repetem sempre as mesmas.

O **fleumático** não se deixa afetar tão facilmente pelas impressões, nem se sente mais inclinado a reagir, e as impressões, por sua parte, logo se desvanecem.

Os temperamentos colérico e sanguíneo são ativos; o melancólico e o fleumático são mais passivos. No colérico e no sanguíneo há forte inclinação para a ação, e no melancólico e no fleumático, ao contrário, para a tranquilidade.

Os temperamentos colérico e melancólico são apaixonados, comovem e repercutem muito profundamente na alma, ao passo que o sanguíneo e o fleumático não têm grandes paixões nem causam fortes ímpetos da alma.

### III. COMO CONHECER O PRÓPRIO TEMPERAMENTO

Se queremos conhecer nosso próprio temperamento, não devemos começar averiguando se temos ou não em nós os lados fortes e fracos citados acima para cada temperamento, mas devemos responder, antes de mais nada, às três perguntas enumeradas anteriormente.

1. Diante de fortes impressões, a alma se irrita com rapidez e força, ou, ao contrário, com lentidão e debilidade?

2. Sob tais impressões, a alma se sente impulsionada a agir de imediato ou se sente mais a inclinada a esperar?

3. Essa irritação da alma dura por muito ou pouco tempo?

Outra maneira muito prática para conhecer nosso temperamento será considerar essas perguntas enquanto se referem às ofensas que recebemos. De preferência, prestemos atenção à seguinte ordem de perguntas: Costumo aceitar as ofensas com dificuldade ou relutância? Costumo guardá-las em meu interior? Caso respondamos: normalmente não consigo esquecer as ofensas; guardo-as dentro de mim; sua lembrança renova em mim a agitação; por muito tempo me mantenho mal-humorado; por vários dias e mesmo por semanas inteiras evito a pessoa que me ofendeu e procuro não lhe dirigir a palavra – se assim for nossa resposta, certamente somos coléricos ou melancólicos. Podemos dizer, porém: não costumo guardar rancor, nem me mostrar zangado com os outros por muito tempo; não consigo deixar de lhes querer bem, a pesar da ofensa; e mesmo que quisesse me mostrar mal-humorado ou emburrado, não posso fazê-lo por mais de uma ou duas horas – nesse caso, somos sanguíneos ou fleumáticos.

Convencidos de sermos coléricos ou melancólicos, sigamos nos perguntando: Afetam-me com força e rapidez as ofensas? Deixo transparecer minha agitação em minhas palavras e modos? Sinto um forte impulso para o conflito imediato e para a réplica ofensiva? Ou sou capaz de me manter exteriormente tranquilo, enquanto ferve o interior? As ofensas me mortificam, perturbam e entristecem de tal modo, que não encontro palavras convenientes ou o ânimo necessário para responder, resignando-me, por isso, ao silêncio? Com frequência, não me sinto ofendido no momento da ofensa, mas caio em um estado de prostração extrema algumas horas depois ou no dia seguinte? Se nossa resposta à primeira série de perguntas for afirmativa, somos coléricos; e se for afirmativa à segunda, somos melancólicos.

Chegamos à conclusão de que somos sanguíneos ou fleumáticos? Façamos, então, o seguinte interrogatório a nós mesmos: Ao receber uma ofensa, sinto-me inflamar e encolerizar no mesmo instante, querendo agir com precipitação, ou consigo manter a tranquilidade? No primeiro caso somos sanguíneos, e no segundo, fleumáticos. Se apenas com esse exemplo pudemos identificar nosso temperamento, podemos averiguar se possuímos as características particulares de cada temperamento, que serão assinaladas mais adiante. Podemos, com isso, aprofundar o conhecimento de nós mesmos e identificar especialmente o grau de desenvolvimento a que têm chegado os pontos fortes e fracos de nosso temperamento, descobrindo, ao mesmo tempo, as modificações que nosso temperamento predominante pôde sofrer ao se mesclar a outro.

#### IV. EM PRINCÍPIO NÃO É DIFÍCIL

Normalmente parece difícil conhecer o próprio temperamento e o dos outros. Contudo, a experiência mostra que mesmo pessoas sem maior formação chegam de maneira relativamente fácil ao conhecimento de seu próprio temperamento, do temperamento dos que as rodeiam e daquele de seus subordinados, contanto que lhes seja dada a instrução adequada para isso.

Porém, a investigação dos temperamentos apresenta dificuldades, em especial nas seguintes situações:

- 1. Quando o indivíduo comete ainda muitos pecados.** Nesse caso, a paixão pecaminosa se destaca mais do que o temperamento. Assim, por exemplo, um sanguíneo pode, por sua condescendência com a ira e a inveja, prejudicar muito e causar grandes desgostos a seu próximo, ainda que, por seu temperamento, tenha a tendência de se dar bem com todos.
- 2. Quando o indivíduo já progrediu bastante na perfeição.** Os pontos fracos do temperamento, como normalmente se manifestam em todo homem, são, nesse caso, pouco perceptíveis. Santo Inácio de Loyola, um colérico apaixonado, alcançou tal domínio sobre si mesmo, parecendo exteriormente tão isento de paixões, que os que o rodeavam o tinham por fleumático. No colérico São Francisco de Sales, se extinguiram por completo os arrebatamentos e explosões de ira, o que certamente não conseguiu, senão após 22 anos de combate contínuo consigo mesmo. Os Santos melancólicos nunca deixam transparecer a tristeza, o mal humor e o desânimo a que tende seu temperamento, mas, voltando-se a Jesus Crucificado, sabem dominar, depois de uma breve luta, essa perigosa disposição de ânimo.
- 3. Quando o indivíduo tem pouco conhecimento de si mesmo.** Aquele que não conhece nem suas qualidades nem seus defeitos, ou não é capaz de formar um juízo sobre a intensidade de suas paixões e o modo de sua irritabilidade, não poderá tampouco dar-se conta de seu temperamento. Questionado por outros que queiram ajudá-lo no conhecimento de seu temperamento, dá respostas falsas, não de propósito, mas justamente por não se conhecer. Por isso, os iniciantes na vida espiritual, em geral, não chegam a identificar o seu temperamento, senão depois de ter-se exercitado durante algum tempo na meditação e no exame particular.
- 4. Quando o indivíduo é muito nervoso.** As manifestações de nervosismo, assim como a variação de conduta, a irritação, a inconstância de sentimentos e de resoluções, a inclinação para a tristeza e para o desânimo, aparecem em pessoas nervosas em grau tão alto, que as exteriorizações do temperamento ficam em segundo plano. É particularmente difícil reconhecer o temperamento de pessoas histéricas, nas quais o assim chamado “caráter histérico” já está totalmente desenvolvido.
- 5. Quando o indivíduo tem temperamento misto.** Chamamos temperamentos mistos aqueles em que predomina um temperamento determinado, mesclado a propriedades de outro. Já se discorreu muito sobre temperamentos puros e mistos. Uma solução satisfatória dos múltiplos problemas que surgem a respeito desse assunto, encontra-se observando o temperamento dos pais do interessado. Se o pai e a mãe possuem o mesmo temperamento, os filhos também terão esse temperamento. O pai e a mãe são de índole colérica? Então os filhos também o serão. Mas no caso de temperamentos distintos, os filhos terão temperamento misto. Assim, por exemplo, se o pai é colérico e a mãe melancólica, os filhos serão coléricos com traços melancólicos, ou melancólicos com traços coléricos, segundo se assemelhem mais ao pai ou à mãe.

Para averiguar, em um temperamento misto, qual é o predominante, é preciso se ater estritamente às perguntas formuladas acima para chegar a conhecer um temperamento. Acontece, no entanto (ainda que não tão frequentemente), como muitos acreditam, que em uma mesma pessoa os dois temperamentos se acham tão entrelaçados, que ambos se manifestam sempre com a mesma intensidade e força. Por isso é naturalmente muito difícil chegar a uma conclusão a respeito do temperamento que há de se atribuir a uma pessoa. Porém, é provável que com o passar dos anos, mediante provações e dificuldades, se manifeste o temperamento predominante.

É de grande ajuda, no conhecimento do temperamento misto, e mais ainda do temperamento puro, a expressão dos olhos e, em parte, também o modo de andar. O olhar do colérico é resoluto, firme, enérgico, ardente; o do sanguíneo é sereno, alegre, despreocupado; o do melancólico, ao contrário, é ligeiramente triste e preocupado, enquanto o do fleumático é lânguido e inexpressivo. O colérico caminha com firmeza e decisão e avança depressa; o sanguíneo é ágil e ligeiro a pé, de passo curto e às vezes dançante; o passo do melancólico é lento e desajeitado; o fleumático anda folgada e preguiçosamente. Muito facilmente se reconhece o olhar do colérico (cujo tipo é o famoso olhar de Napoleão, Bismarck) e o do melancólico (o conhecido olhar de Alban Stolz). Não encontrando nos olhos a decisão e a energia do colérico, nem a suave tristeza do melancólico, acreditamos estar diante de um sanguíneo ou fleumático. Os olhos também nos revelam o temperamento que predomina no temperamento misto. Depois de haver adquirido certa experiência na distinção dos olhares, muitas vezes é possível, já no primeiro encontro com uma pessoa – e basta até tê-la visto passar pela rua –, para determinar seu temperamento.

Considerar detalhes do corpo como notas características dos quatro temperamentos (como a formação do crânio, a cor do rosto e do cabelo, ou a constituição do colo e da nuca) não passa, a meu ver, de um simples passatempo.

## V. IMPORTÂNCIA

Por mais difícil que seja identificar o temperamento de alguém em certos casos, nem por isso devemos nos poupar o trabalho de averiguar o nosso próprio temperamento e o daqueles que nos rodeiam ou o das pessoas com quem lidamos com mais frequência, pois é sempre muito útil fazê-lo.

Conhecendo o temperamento de nosso próximo, chegaremos a *compreendê-lo melhor*, a *tratá-lo com mais justiça* e a *suportá-lo com mais paciência*. Essas são vantagens para a vida social, às quais nunca poderemos dar o devido valor.

Chegaremos a *compreender melhor* o nosso próximo. O Dr. Krieg, em sua obra *La Ciencia de la Dirección Espiritual en Particular*, diz, na página 141: “Não poderemos entender nosso próximo enquanto não chegarmos a conhecer seu temperamento, suas aspirações e tendências, pois conhecer a um homem significa sobretudo conhecer seu temperamento”.

Trataremos com *mais justiça* o nosso próximo. Conseguir-se convencer a um colérico expondo-lhe sossegadamente as razões – as palavras severas e imperiosas o mortificam, o obstinam e irritam ao extremo. O melancólico fica tímido e taciturno com uma palavra dura

ou um olhar desconfiado, mas com um tratamento atencioso o vemos mais aberto, confiante e fiel. Na palavra de um colérico pode-se confiar, mas não nas promessas mais formais de um sanguíneo. Desconhecendo, pois, o temperamento de nosso próximo, nosso trato com ele será injusto e resultará em dano próprio e alheio.

Suportaremos com *mais paciência* o nosso próximo. Sabendo que os defeitos e fraquezas do próximo estão fundados em seu temperamento, facilmente lhe desculparemos, sem nos irritarmos. Não nos impacientaremos se um colérico é ríspido, duro, impetuoso e obstinado; ou se um melancólico se porta tímida e indecisamente, se não fala muito e se o que tem de dizer, o profere de modo impróprio; ou se um sanguíneo se mostra loquaz, ligeiro e impulsivo; ou se um fleumático nunca sai de sua habitual tranquilidade.

É de imenso proveito conhecer o próprio temperamento. Conhecendo-nos, também compreenderemos melhor a nós mesmos, nossas disposições de ânimo, nossos atributos essenciais e nossa vida passada. Uma pessoa já muito experiente na vida espiritual, ao ler os conceitos dos temperamentos a seguir, confessou: “Nunca cheguei a me conhecer tão bem como quando me vi retratada de corpo inteiro nessas linhas, mas, também, ninguém nunca me disse a verdade com tanta franqueza como o faz esse livrinho”.

Conhecendo nosso temperamento, trabalharemos com mais acerto em nossa perfeição, uma vez que todos os nossos esforços para o proveito de nossa alma se reduzem unicamente a cultivar as boas qualidades de nosso temperamento e combater suas deficiências. De modo que o colérico sempre terá de lutar, antes de mais nada, contra sua teimosia, sua ira e seu orgulho; o melancólico contra seu desânimo e seu medo da cruz; o sanguíneo contra sua loquacidade e inconstância; e o fleumático contra sua pachorra e sua preguiça.

Conhecendo nosso temperamento, seremos mais humildes, já que nos convenceremos de que o que há de bom em nós não é tanto virtude, mas consequência da nossa natureza e do nosso temperamento. Então, o colérico falará com mais modéstia da sua força de vontade, da sua energia e intrepidez; o sanguíneo da sua serena concepção da vida, da facilidade de lidar com caracteres difíceis; o melancólico da profundidade de sua alma, do seu amor à solidão e à oração; o fleumático da sua suavidade e sossego de espírito.

O temperamento, por ser inato ao homem, não pode ser trocado por outro. No entanto, podemos e devemos sim, cultivar e desenvolver a sua parte boa e neutralizar seus influxos nocivos.

Cada temperamento é bom em si mesmo, e com qualquer um dos quatro se pode trabalhar para o bem e chegar ao Céu. É, portanto, insensatez e ingratição desejar outro temperamento. “Todos os espíritos louvem o Senhor” (Sl 150,6). Todos os movimentos e propriedades da nossa alma hão de servir a Deus, contribuindo assim para a glória de Deus e a salvação das almas. Homens que têm distintos temperamentos e vivem juntos, não deveriam rejeitar-se mutuamente, mas completar-se e ajudar uns aos outros.

Quando, mais adiante, se disser: “O colérico, o sanguíneo, etc. age assim ou desse outro modo”, não quer dizer: “têm de agir assim”, nem: “agem sempre assim”, mas: “agem assim normalmente” ou “se inclinam a agir desse modo”.

**CAPÍTULO II:**  
**O TEMPERAMENTO COLÉRICO**  
**(Patrono: São Francisco de Sales)**

**I. Características do temperamento colérico.**

A alma do colérico, pelas influências que recebe, se irrita de imediato e com veemência. A reação é instantânea. A impressão permanece na alma por muito tempo.

**II. Particularidades do colérico, tanto do bom quanto do mau.**

O colérico se agita e entusiasma por aquilo que é grandioso: não busca o que é comum, mas aspira ao que é grande e sobressalente. Tende ao alto, seja nas coisas temporais – ambicionando uma grande fortuna, um comércio muito extenso, uma casa magnífica, um nome prestigioso, um cargo destacado –, seja nas coisas espirituais, sentindo em si um desejo veemente de santificar-se, de fazer grandes sacrifícios por Deus e pelo próximo e de salvar muitas almas para a eternidade. A virtude inata do colérico é a generosidade, que despreza o que é baixo e vil, e suspira pelo que é nobre, grande e heroico.

Nessas suas aspirações à grandeza o sustentam:

1º. *Um raciocínio agudo.* Na maioria das vezes, ainda que nem sempre, o colérico é muito talentoso: é um homem intelectual, enquanto sua fantasia e especialmente sua vida interior não estejam desenvolvidas, mas tenham permanecido um tanto raquíticas.

2º. *Uma vontade forte vontade,* que não se debilita diante das dificuldades, mas, ao contrário, emprega toda a sua vitalidade e persevera a custo de muitos sacrifícios até chegar à sua meta. Não conhece a pusilanimidade e nem o desânimo. [Hamilcar de Cartago, no norte da África, levou seu filho Aníbal diante do altar de seus falsos deuses e o fez jurar eterno ódio a Roma, seu inimigo implacável. Esse filho formou um exército até com elefantes, com os quais atravessou a Espanha, os Pirineus, o sul da França e os Alpes da Itália, façanha nunca alcançada nem antes, nem depois, e esteve a ponto de conquistar e derrotar Roma].

3º. *Uma grande paixão.* O colérico é o homem das grandes paixões, transborda de violenta paixão, especialmente quando encontra resistência ou persegue seus grandiosos projetos.

4º. *Um instinto muitas vezes inconsciente de dominar e sujeitar os demais.* O colérico nasceu para mandar. Está em seu ambiente quando pode ordenar e organizar as grandes massas do povo.

A imprudência é para o colérico um obstáculo muito perigoso em sua aspiração à grandeza. Ele é absorvido pelo que deseja e se lança apaixonada e cegamente ao seu objetivo, sem sequer refletir se o caminho empreendido conduz realmente ao fim. Enxerga apenas esse caminho escolhido em um momento de paixão e de pouca reflexão, sem se dar conta de que por outro caminho poderia chegar à sua meta com muito mais facilidade e segurança.

Encontrando-se diante de grandes obstáculos em um caminho errado, pode, cegado pela soberba, resolver-se com dificuldade a voltar atrás, e tenta ainda o impossível para alcançar seu fim. Chega, por assim dizer, a perfurar a parede com a cabeça, tendo ao lado uma porta que lhe facilite a entrada.

[Um oficial nazista de alta hierarquia disse uma vez a um homem, que depois se tornou sacerdote: “Não podemos mais voltar atrás, pois já fomos longe demais”].

Desse modo, desperdiçando suas energias, se vê pouco a pouco afastado de seus melhores amigos e acaba ficando isolado e malvisto em todo lugar. Depois de arruinar seus maiores êxitos, ainda se recusa a reconhecer que ele mesmo é a causa de seus fracassos. Essa imprudência na escolha dos meios se manifesta também em suas aspirações à perfeição, de modo que, apesar de todos os seus grandes esforços, não chega à perfeição. O colérico pode prevenir esse perigo submetendo-se dócil e humildemente às ordens de seu diretor espiritual.

### **III. Defeitos do colérico.**

#### **i. Orgulho:**

Se manifesta sobretudo nos seguintes pontos:

a) *O colérico estima muito a si mesmo.* Tem em alta consideração suas qualidades pessoais e seus êxitos, se julga excepcional e chamado a destinos elevados. Até mesmo suas faltas, por exemplo, seu orgulho, sua teimosia e cólera, as considera justificáveis e até dignas de toda aprovação.

b) *O colérico é muito caprichoso e caviloso.* Acha que sempre tem razão, quer ter a última palavra, não sofre contradição e não quer ceder em nada.

c) *O colérico confia muito em si mesmo.* Quer dizer, em sua ciência e suas faculdades. Recusa ajuda dos outros, gosta de fazer as coisas sozinho, por se achar mais apto que os demais, plenamente seguro de sua própria suficiência para levar a bom fim o trabalho empreendido. Dificilmente se convence de que mesmo as coisas de pouca importância requerem o auxílio divino. Por isso não lhe agrada suplicar a graça de Deus, e preferiria resistir vitoriosamente às tentações com suas próprias forças. Por essa presunção, na vida espiritual o colérico cai em muitos e graves pecados, e essa é também a causa por que tantos coléricos, a pesar de seus grandes sacrifícios, não chegam nunca a serem santos. Nisso está radicada uma boa parte do orgulho de Lúcifer. Procede como se a perfeição e o Céu não se devessem atribuir em primeiro lugar à graça divina, mas sim a seus esforços pessoais.

d) *O colérico despreza o próximo.* Considera os demais como tolos, fracos, inábeis e lerdos, ao menos em comparação a ele. Esse menosprezo ao próximo é manifestado por suas palavras depreciativas, zombeteiras e irrefletidas, e por seu jeito arrogante com os que o rodeiam, sobretudo com seus subalternos.

e) *O colérico é ambicioso e mandão.* Sempre quer se destacar em primeiro lugar, ser aplaudido e suplantar aos demais. Sua ambição o faz diminuir, combater e perseguir aqueles que cruzam o seu caminho, e isso não raras vezes com meios nada nobres.

f) *O colérico se sente profundamente ferido quando envergonhado e humilhado.* Relembra seus pecados com mal humor, pois que o obrigam a se considerar menos, e não poucas vezes chega mesmo a desafiar a Deus.

## **ii. Cólera:**

O colérico se irrita profundamente pela contradição, resistência ou ofensas pessoais. Esse estado de ânimo se exterioriza por meio de palavras duras, que, não obstante sejam pronunciadas de forma cortês e correta, ferem profundamente, pelo tom com que são proferidas. Não há ninguém que possa ferir tão dolorosamente, e com menos palavras, do que o colérico. Mas o mais agravante é que o colérico, na veemência de sua ira, faz recriminações falsas e exageradas, e em sua paixão chega a interpretar mal e destorcer as melhores intenções daquele que se crê ofendido, e reprova essas supostas ofensas com as expressões mais amargas. A justiça com que trata a seus semelhantes faz com que se esfriem suas melhores amizades.

Sua ira culmina muitas vezes em exasperação da raiva e do furor, e daí basta apenas mais um passo para o ódio concentrado. Os grandes insultos, jamais os esquece. O colérico, em sua ira e orgulho, se deixa levar por atitudes que sabe muito bem que lhe serão prejudiciais, por exemplo, para a saúde, para o trabalho, para sua situação financeira. Atitudes pelas quais se verá obrigado não só a abandonar seu emprego, mas também a romper com velhas amizades. O colérico é capaz de abandonar projetos cultivados por longos anos, apenas para não ceder a um capricho. Diz o P. Schram, em sua *Teologia Mística*, II.66: “O colérico prefere a morte à humilhação”.

## **iii. Hipocrisia e dissimulação:**

A soberba e a teimosia conduzem frequentemente o colérico a usar de meios péssimos, como a dissimulação e a hipocrisia, ainda que possa ser nobre e sincero por natureza. Não querendo confessar uma fraqueza ou derrota, finge. Ao ver que seus projetos não saem exatamente como havia planejado, apesar de seu empenho, não resta outra coisa a não ser fingir e valer-se de fraudes e mentiras. O P. Schram diz, em outro lugar: “Se é castigado, não corrige seus vícios, antes os oculta”.

## **iv. Insensibilidade e dureza:**

O colérico é, antes de mais nada, um homem intelectual. Tem, por assim dizer, duas inteligências, mais um só coração. Essa deficiência de sentimentos lhe traz muitas vantagens: não fica desgostoso ao ver-se privado de consolações sensíveis na oração, e pode suportar por longo tempo o estado da aridez espiritual; é alheio a sentimentos ternos e afetuosos e aborrece as manifestações delicadas de amor e carinho que costumam nascer em amizades particulares; nenhuma falsa compaixão é capaz de fazê-lo abandonar o caminho do dever e

obrigá-lo a renunciar a seus princípios. Mas essa frieza de sentimentos tem também grandes desvantagens: o colérico pode permanecer indiferente e insensível à dor alheia e se sua própria soberba o reclama, não vacila em pisotear sem piedade a felicidade de que outros desfrutam. Seria desejável que os superiores de índole colérica se examinassem diariamente se não têm sido, talvez, duros e exigentes demais para com seus súditos, particularmente com os enfermos, desprovidos de talento e remissos.

#### **IV. Qualidades do colérico.**

Quando o colérico coloca a sua vitalidade característica ao serviço do bem, chega a ser instrumento sumamente apto a trabalhar para a glória de Deus e para a salvação das almas, revertendo tudo em seu próprio aproveitamento espiritual e temporal. A tudo isso contribui a agudeza de seu entendimento, sua aspiração ao mais nobre e grandioso, o valor e a decisão de sua vontade varonil e a maravilhosa amplidão e claridade de olhar com que concebe seus pensamentos e projetos.

[O grande Paulo, antes de sua conversão, foi perseguidor da Igreja, e depois fez mais do que todos os outros apóstolos pela propagação do Evangelho. Fez-se “tudo para todos, para poder salvar, de qualquer maneira, a uns e a outros” (1Cor 9,22). Sofreu todo tipo de acusações e perseguições (cf. 2Cor 12) por causa de suas pregações de Cristo, e este Crucificado, e selou sua missão com seu martírio pelo Evangelho.

[Muitos santos, homens e mulheres, fizeram o mesmo, dedicando incansavelmente seu trabalho e intensos sofrimentos sob severas perseguições a serviço de Cristo, como o provam milhares de mártires do passado e do presente, entre eles o Cardeal Joseph de Mindzenty da Hungria].

O colérico pode chegar à santidade com relativa facilidade. Os santos canonizados pela Igreja são, em sua maioria, coléricos ou melancólicos. Um colérico solidamente formado não sente maiores dificuldades em se manter recolhido na oração, pois com a energia de sua vontade abandona facilmente as distrações. Isso se explica sobretudo levando em consideração o fato de que, por sua natureza, sabe concentrar com grande prontidão e intensidade toda a sua atenção em um determinado assunto. Essa pode ser também a razão por que os coléricos chegam tão facilmente à oração de simplicidade, ou, como a chama São Francisco de Sales, a oração de recolhimento. Em nenhum outro temperamento se poderá encontrar o espírito de contemplação propriamente dito, com tanta facilidade como no colérico.

O colérico bem desenvolvido é muito paciente e forte para suportar as dores corporais, sacrificado nos sofrimentos, constante nas penitências e mortificações interiores, magnânimo e nobre para com os mais carentes e fracos, cheio de repugnância contra tudo o que é vil e baixo. E, ainda que a soberba penetre, por assim dizer, em todas as fibras e até nas últimas ramificações da alma do colérico, de modo que pareça que não haja outra paixão além da soberba, sabe, no entanto, suportar e mesmo buscar voluntariamente as mais vergonhosas humilhações, se aspira seriamente à perfeição. Por sua natureza insensível e dura, tem poucas tentações de concupiscência, e com grande facilidade pode levar uma vida casta. Entretanto,

entregando-se o colérico voluntariamente ao vício da impureza e buscando nele sua satisfação, resultam atroz e assustadoras as erupções dessa paixão.

O colérico consegue fazer grandes coisas também em sua vida profissional. Por ser ativo o seu temperamento, se sente incitado continuamente à ação e ao trabalho. Não pode estar desocupado, e executa seus trabalhos com agilidade e aplicação. Assim, tudo lhe sai muito bem. É persistente em seus empreendimentos e não se amedronta diante das dificuldades. Pode-se despreocupadamente confiar a ele cargos difíceis e grandes negócios. No falar, o colérico é breve e conciso e não gosta de repetições inúteis. Esse jeito breve, conciso e firme no modo de falar e de se apresentar, dá muita autoridade aos coléricos que trabalham na área do ensino. As educadoras coléricas têm algo de varonil e não dão o braço a torcer aos seus alunos, como acontece muitas vezes às melancólicas indecisas. Os coléricos, além disso, sabem se calar como um sepulcro.

## **V. O que o colérico precisa observar de modo particular para sua própria edificação.**

1. O colérico deve extrair *grandes pensamentos* da palavra de Deus (meditação, leitura, sermão), ou da experiência de sua própria vida. Eles se enraizarão bem em sua alma e o estimularão cada vez mais a caminhar em direção ao bem e às coisas de Deus. Não é necessário que sejam muitos esses pensamentos. Ao colérico Santo Inácio de Loyola bastava este: “Tudo para a maior glória de Deus”; e ao colérico São Francisco Xavier: “De que serve ao homem ganhar o mundo, se com isso perde a sua alma?”. Um bom pensamento que cativa o colérico lhe servirá de norte e guia para conduzi-lo, apesar de todas as dificuldades, aos pés de Jesus Cristo.

2. Um colérico deve aprender a *pedir* diariamente a Deus, com constância e humildade, sua ajuda divina. Enquanto não aprender isso, não avançará muito no caminho da perfeição, pois também vale para o colérico esta palavra de Cristo: “Pedi e recebereis”. E se, além disso, vencesse a si mesmo pedindo um conselho ou apoio a seu próximo, ainda que não fosse seu superior ou confessor, avançaria ainda mais.

3. Um colérico deve se deixar levar em tudo por este bom *propósito*: Não quero buscar nunca a mim mesmo, mas hei de considerar-me sempre: a) como *instrumento* de Deus, de que Ele pode dispor como lhe aprouver; e b) como *servo do meu próximo*, sacrificando-me diariamente pelos demais. Deve agir segundo a palavra de Cristo: “Quem dentre vós quiser ser o primeiro, seja o servo de todos”.

4. Um colérico deve *lutar continuamente contra o orgulho e a ira*. O orgulho é a sua desgraça, e a humildade, sua salvação. Portanto: a) faça o seu exame particular sobre esse ponto por muitos anos; b) humilhe-se por própria iniciativa diante dos superiores e do próximo e na confissão. Por um lado, peça humilhações a Deus e aos que te acompanham mais de perto, e aceite, por outro lado, com generosidade, as que vierem a calhar. Vale mais para um colérico ser humilhado pelos outros, do que humilhar-se a si mesmo.

## **VI. O que se deve observar para a edificação de um colérico.**

O colérico pode, com suas faculdades, ser de grande utilidade para a família, para os que o rodeiam, para a sociedade e para o Estado, pois nasceu para ser líder e incansável organizador. O colérico bem formado corre atrás das almas extraviadas sem descanso nem respeito humano. Propaga com constância a boa fama e trabalha de bom grado, apesar dos maus êxitos, no florescimento das associações católicas, sendo, assim, uma benção para a Igreja. Porém, por outro lado, se o colérico não combater os defeitos de seu temperamento, a ambição e a obstinação poderão leva-lo ao extremo de causar, como a pólvora, grandes estragos e confusão nas associações públicas e privadas. Por isso, o colérico merece uma formação atenta, sem poupar esforços e sacrifícios, dado que são grandes os bens que ela pode trazer.

1. Deve-se aperfeiçoar o colérico o quanto seja possível, a fim de que aprenda realmente algo, sendo excelentes as suas aptidões. Do contrário, quererá ele mesmo aperfeiçoar-se mais tarde, descuidando de seu trabalho profissional ou, o que é pior, envaidecendo-se sobremaneira de suas habilidades, ainda que, na realidade, não tenha cultivado suas aptidões, nem tenha aprendido algo com precisão.

Os coléricos menos providos de talento ou com suas faculdades pouco desenvolvidas (na capacidade de suas faculdades), podem chegar – uma vez que são independentes ou tendo o cargo de superior nas mãos – a grandes desacertos e amargar a vida dos que estão à sua volta, obstinando-se em seus mandatos, ainda que não entendam muito de determinado assunto, nem tenham claras ideias do que se trata. Tais coléricos frequentemente agem segundo o famoso axioma: “*Sic volo, sic jubeo; stat pro ratione voluntas*”. Assim quero, assim o ordeno; baste a minha vontade por motivo.

2. Deve-se induzir o colérico a deixar-se educar voluntariamente, isto é, a aceitar voluntária e alegremente tudo o que se lhe ordena, para humilhar seu orgulho e refrear sua cólera. Não se corrigirá o colérico com um tratamento duro e orgulhoso, pois isso o azedará e endurecerá mais. Em compensação, propondo-lhe razões e motivos sobrenaturais, ele poderá deixar-se levar facilmente pelo caminho certo. Na educação do colérico não se deve deixar levar pela ira, dizendo: “Vamos ver se consigo quebrar a teimosia deste homem”. Pelo contrário, deve-se ficar tranquilo e esperar até que o educando também esteja tranquilo; então se lhe poderá falar nestes termos: “Seja sensato e deixe-se conduzir, para que as suas faltas sejam remediadas e o que há de bom em você seja engrandecido”.

Na educação da criança colérica, o mais importante será sugerir-lhe bons pensamentos, colocar ante seus olhos sua boa vontade, sua honra, sua repugnância às baixezas, dar-lhe a conhecer sua felicidade temporal e eterna e induzi-lo a corrigir, sob a direção do educador, suas faltas e aperfeiçoar suas qualidades por iniciativa própria. Não convém azedar a criança colérica com castigos vergonhosos. Melhor seria persuadi-la da necessidade, expondo-lhe os justos motivos do castigo imposto.

**CAPÍTULO III:**  
**O TEMPERAMENTO SANGUÍNEO**  
**(Patrono: Santa Teresa d'Ávila)**

**I. Características do temperamento sanguíneo.**

A alma do sanguíneo se irrita rápida e veementemente por qualquer impressão e a reação acontece no mesmo instante, mas a impressão permanece por muito pouco tempo na alma. A lembrança de coisas passadas não provoca novas emoções tão facilmente.

**II. Disposições fundamentais (tanto do bom quanto do mau).**

1. *Superficialidade.* O sanguíneo não penetra até o fundo, nem chega ao todo, mas se contenta com a superfície e uma parte do todo. Antes de se concentrar em um objeto, o interesse do sanguíneo já se paralisa e se esvai pelas novas impressões que o absorvem. É amigo dos trabalhos fáceis, agradáveis à vista, que não exigem demasiado esforço intelectual. Não é difícil convencê-lo desse seu defeito: *a superficialidade*, pois sempre acredita ter entendido todas as coisas. Assim, por exemplo, acredita ter compreendido bem um sermão, ainda que a metade deste tenha estado muito longe de seu alcance intelectual.

2. *Inconstância.* Por não permanecerem por muito tempo as impressões na alma sanguínea, de imediato surgem outras. Consequência disso é uma grande inconstância, que todos os que lidam com sanguíneos devem ter em conta se não quiserem se enganar bem depressa. [São Pedro assegurou a Nosso Senhor que estava disposto a segui-lo e inclusive a morrer por Ele, e apenas algumas horas depois o estava negando, dizendo que não conhecia “esse homem”]. O sanguíneo é inconstante em sua disposição de ânimo: rapidamente passa do riso à lamúria e vice-versa; é inconstante em suas resoluções: quando se lhe propõe um novo ponto de vista, abandona sem remorsos todos os seus planos e projetos anteriores. Essa inconstância às vezes levanta suspeitas de que o sanguíneo não tem caráter nem princípios.

O sanguíneo nega essa inconstância, visto que alega novas razões para cada uma dessas mudanças. Não percebe que é necessário refletir antes de tomar qualquer atitude, para não se entregar sem mais nem menos a qualquer impressão ou opinião. Em seus trabalhos e diversões também é inconstante, querendo sobretudo a variedade. Nisso se assemelha à abelha, que, voando de flor em flor, tira de todas elas somente o melhor pólen. Assemelha-se também a uma criança, que se cansa bem depressa do novo brinquedo que ganhou de presente dos pais.

3. *Interesse pelas coisas exteriores.* O sanguíneo não se concentra de boa vontade em seu interior, mas prefere prestar mais atenção nas coisas exteriores, sendo, nisso, justamente o oposto do melancólico, que penetra em sua vida interior e no mundo de seus pensamentos com predileção, sem estar atendo ao que passa em seu exterior.

Esse gosto pelas coisas exteriores se manifesta no interesse que o sanguíneo tem pela beleza das roupas de cama e das toalhas de mesa, pela elegância no trato com os demais.

Nele estão ativos sobretudo os cinco sentidos, enquanto o colérico trabalha mais com a razão e o melancólico com os sentimentos. O sanguíneo necessita ver e ouvir tudo, e precisa falar de tudo. Nele se destacam a facilidade, vivacidade e infinidade de palavras, o que muitas vezes se torna gravosa loquacidade para os demais. Por sua viva ação sensitiva, tem muito interesse pelas coisas de pouca importância, qualidade favorável que mais ou menos falta ao colérico e ao melancólico.

4. *Serena concepção da vida.* O sanguíneo considera tudo sob o aspecto mais tranquilo. Sendo otimista, não conhece dificuldades, mas sempre confia no bom êxito. E se algo realmente lhe vai mal, se consola facilmente e não se aflige por muito tempo. Tendo em vista esse seu gozo pela vida, explica-se a sua peculiar inclinação para zombar dos outros, tirar sarro deles e torná-los vítimas de suas piadas e brincadeiras de mal gosto. O sanguíneo supõe que tudo isso seja natural e que os outros aguentem suas brincadeiras extravagantes e se admira ao ver que, ao contrário, se aborrecem de seus gracejos desagradáveis.

5. *Carência de paixões enraizadas.* Como as paixões do sanguíneo se irritam tão facilmente, não penetram no profundo de sua alma. Assemelham-se a um fogo de palha que produz fogo crepitante por um momento que logo depois morre em si mesmo, enquanto as do colérico são semelhantes a um incêndio devorador. Essa carência de afetos profundos lhe é muito útil, pois quase sempre o priva de grandes tempestades internas e o ajuda a servir a Deus com certa hilaridade e sossego, livre da paixão do colérico e da timidez e ansiedade do melancólico.

### **III. Defeitos do sanguíneo.**

#### **i. Vaidade e satisfação de si mesmo:**

A soberba do sanguíneo não se manifesta em um afã descomedido de mandar nos outros ou caviloso, como no colérico, nem no medo das humilhações, como no melancólico, mas em certa vaidade e complacência de si mesmo. Experimenta uma alegria quase pueril em si mesmo, em seu exterior, em sua roupa e em suas obras. Olha-se de bom grado no espelho ou nos vidros de portas e janelas. Ao ser louvado, sente-se feliz, e é, por conseguinte, dependente de adulações. Pelos elogios e lisonjas, deixa-se induzir facilmente às maiores loucuras e mesmo aos pecados mais vergonhosos.

#### **ii. Inclinação aos galanteios, à inveja e ao ciúme:**

Como o sanguíneo se mostra tão susceptível às palavras lisonjeiras e tão pouco concentrado em seu interior, dando, por outro lado, demasiada importância às coisas exteriores, se inclina facilmente às amizades particulares e aos namoricos. Mas seu amor inconstante não penetra até o fundo da alma.

O sanguíneo bem formado gostaria de se satisfazer, em seus galanteios, somente com as ternuras e demonstrações de afeto exteriores. No entanto, sua ligeireza e culpável

transigência o arrastam a graves extravios, na maioria das vezes frutos de seu otimismo, ou melhor, da opinião que tem de que o pecado não lhe poderia trazer consequências funestas. Uma mulher sanguínea de má vida se entrega sem temor nem vergonha ao pecado, e depois de cair nele não se inquieta tanto pelos remorsos.

A vaidade e a inclinação aos namoricos levam o sanguíneo à inveja, aos ciúmes e a todas aquelas ridículas ideias, visão limitada e violações da caridade que a inveja e os ciúmes trazem consigo.

Por se deixar absorver facilmente pelas exterioridades e por causa de sua propensão às amizades particulares, custa muito ao sanguíneo ser imparcial e justo. Os superiores e educadores sanguíneos têm com frequência um preferido, que antepõem aos demais. O sanguíneo se sente impulsionado a lisonjear aos que lhe agradam.

### **iii. Gozo pela vida e afã pelos prazeres:**

O sanguíneo não ama a solidão, mas busca a companhia e a conversação dos homens. Quer desfrutar da vida, e em suas diversões pode ser muito galhofeiro, licencioso e leviano.

### **iv. Medo das virtudes que exigem esforços.**

Tudo o que significa sacrifício para o corpo e para os sentidos lhe parece difícil. Refrear a vista e os ouvidos, dominar a língua e observar o silêncio é penoso para ele. Tampouco lhe agradam a abnegação do paladar e a abstenção de pratos saborosos. Teme todo exercício de penitência corporal. Só um sanguíneo perfeito consegue fazer penitência por muitos anos para reparar seus pecados passados. O sanguíneo comum vive segundo o princípio de que a absolvição sacramental da Penitência apaga os pecados, e considera, portanto, inútil e mesmo prejudicial sentir pesar pelas faltas passadas.

### **v. Outras desvantagens do temperamento sanguíneo.**

a) *As interpretações e os pareceres* do sanguíneo são muitas vezes falsos, pois que não examina as coisas além da superfície, nem enxerga as dificuldades das mesmas, por ser parcial em seus afetos e simpatias.

b) *Os empreendimentos* do sanguíneo fracassam facilmente, pois, confiando sempre no bom êxito, não considera bem as eventuais dificuldades e impedimentos. Outro motivo de seus fracassos está em sua inconstância, que bem depressa e por qualquer motivo o faz perder o interesse. A prova disso é o fato muito significativo de que muitos dos que falem em seus negócios ou sofrem grandes perdas de dinheiro, são de índole sanguínea.

c) O sanguíneo é *inconstante no que é bom*. Uma vez que se entrega de bom grado à direção dos outros, deixa-se seduzir com grande facilidade, caindo nas mãos de homens perversos e levianos. O sanguíneo se entusiasma rapidamente pelo que é bom, mas logo esse

seu entusiasmo elanguesce. Como São Pedro, quando pula da barca valorosamente, querendo caminhar sobre as águas do lago, mas logo lhe sobrevém o temor de afundar; como São Pedro, quando desembainha impetuosamente a espada em defesa de seu Mestre, para fugir logo em seguida; como São Pedro, quando esteve entre os inimigos de Cristo com a melhor das intenções, e entre eles o negou três vezes sem demora.

d) Por ter sempre o coração dissipado e ser inimigo de todo recolhimento e de qualquer reflexão profunda sobre si próprio e sobre seu modo de agir, não alcança um suficiente *conhecimento de si mesmo*.

e) *A vida de oração* do sanguíneo sofre prejuízo com estas três dificuldades: a primeira surge nas assim chamadas orações *interiores*, nas quais se requerem reflexões mais longas e tranquilas, isto é, na meditação, na leitura espiritual e no exame particular; a segunda é a distração (facilmente provocada pela vivacidade de seus sentidos e a agitação de sua fantasia), que o impede de chegar a uma concentração mais profunda e duradoura em Deus; finalmente, a excessiva importância que atribui, na oração, aos sentimentos e às consolações sensíveis, o que lhe tira o gosto à piedade nos tempos de aridez.

#### IV. Qualidades do sanguíneo.

##### **i. O sanguíneo tem muitas qualidades pelas quais pode se dar bem com seus semelhantes e ser considerado simpático.**

a) *Torna-se logo conhecido* em todo lugar, por ser confiante e loquaz com todos e se comunica facilmente com pessoas desconhecidas.

b) *É afável e alegre* em suas palavras e em sua conduta, e sabe entreter divertidamente aos que o rodeiam, contando histórias interessantes, piadas e agudezas.

c) *É muito atento e obsequioso*. Não presta ajuda com a frieza do colérico, nem com o coração tão afetuoso como o melancólico, mas o faz de maneira tão alegre e serena que seus beneficiados aceitam com gosto os seus favores.

d) *Mostra-se sensível e compassivo* com as desgraças alheias, sempre disposto a ajudar o próximo em sua aflição, com palavras serenas e alentadoras.

e) Possui o dom especial de *fazer notar os defeitos do próximo*, sem que este se sinta ferido, e não lhe custa muito fazer uma repreensão. Se é preciso comunicar coisas desagradáveis a alguém, convém preparar o terreno por intermédio de um sanguíneo.

f) *É verdade que, ao ser ofendido, se exalta rapidamente e sua ira prorrompe às vezes em expressões ruidosas e quase despropositadas, mas depois de desabafar, esquece tudo, sem guardar rancor.*

##### **ii. O sanguíneo tem muitas qualidades que o tornam simpático a seus superiores.**

a) O sanguíneo é *dócil e submisso*, por isso a virtude da obediência, que geralmente é difícil de observar, não lhe acarreta grandes dificuldades.

b) É *sincero*, e sem grande sacrifício sabe desabafar com os superiores a respeito de suas dificuldades, seu estado de ânimo e mesmo seus pecados vergonhosos.

c) Se é castigado, não guarda rancor, pois que *a obstinação lhe é desconhecida*. Os subordinados sanguíneos não causam grandes dificuldades para o superior. No entanto, este tem de tomar cuidado, pois eles podem tratá-los com adulação, o que põe em perigo a paz da vida comum. O superior não mostre preferência por um sanguíneo sobre coléricos e melancólicos, nem repreenda a estes últimos por serem eles tão reservados e por não serem capazes de se expressar e desabafar tão facilmente.

## **V. O que deve observar o sanguíneo em sua própria edificação.**

1. O sanguíneo deve aprender a *refletir muito*, tanto nos assuntos espirituais, quanto nos materiais. Com especial cuidado cultivará os exercícios de piedade que requerem reflexão, como a meditação matinal, a leitura espiritual, o exame particular, a reza meditada do santo Rosário e frequentes atos de adoração, colocando-se na presença de Deus. A dissipação significa a ruína para o sanguíneo, ao passo que o recolhimento e o cultivo da vida interior são a sua salvação. Ao ocupar-se em seus negócios, deverá sempre dizer a si mesmo: não pense já ter deliberado o bastante sobre o assunto, mas considere todos os seus pontos e detalhes; tenha em vista as dificuldades que eventualmente surgirão, e não seja demasiadamente confiante, nem otimista.

2. O sanguíneo deve se exercitar diariamente na *mortificação dos sentidos*, dominar a vista, os ouvidos, a língua, endurecer o tato, preservar o paladar das guloseimas etc.

3. O sanguíneo deve seguir as instruções dos bons (e não dos maus) e aceitar, portanto, sua ajuda e seus conselhos na *direção espiritual*. Diz Schram (op. cit. p. 68): “Bem protegidos, os sanguíneos chegarão à santidade”. Um horário bem regulado lhe servirá como uma forte muralha de amparo, e, na vida de comunidade, sua muralha será a observância da regra da casa ou da Ordem a que pertence.

4. A *aridez de longa duração* é, para o sanguíneo, uma provação particularmente saudável, porque nela se purifica a sua doentia vida sentimental.

5. O sanguíneo deve, além disso, *aperfeiçoar suas qualidades*, como a caridade com o próximo, a obediência, a sinceridade, a alegria da alma. Ele precisa enobrecer essas qualidades por meio de propósitos sobrenaturais. Combaterá sem descanso aquelas faltas a que mais se inclina a sua natureza, isto é, a complacência de si mesmo, a predileção pelas amizades particulares, a sensualidade, os ciúmes, a leviandade, a superficialidade e a inconstância.

## **VI. Observações acerca da edificação e do trato com os sanguíneos.**

A edificação e o trato com o sanguíneo são relativamente fáceis. Ele deve ser posto sob estrita vigilância, para que não deixe inacabados os trabalhos começados. Não se deve dar muito crédito às suas palavras, propósitos ou promessas e nem deixar de prestar atenção no cuidado que tem em seus trabalhos. Não se tolere jamais uma lisonja de um sanguíneo, que não pode ser anteposto aos demais por seu caráter atencioso. Por fim, tenha-se presente que o sanguíneo não guarda para si o que se lhe diz ou o que observa em uma pessoa, mas sente necessidade de contar tudo aos outros. Portanto, deve-se pensar bem, antes de torná-lo um confidente.

Na educação de uma criança sanguínea, é preciso levar em conta os seguintes pontos:

1. Que seja conduzido com severidade à abnegação de si mesmo, e, em particular, ao perfeito domínio sobre seus sentidos, à tenaz perseverança em seus trabalhos e à observância da boa ordem.

2. Que esteja sob estreita vigilância e direção, e seja cuidadosamente preservado das más companhias, dado que se deixa seduzir com tanta facilidade.

3. Que não seja contrariado e nem tirada a sua jovialidade, mas que seja mantido, não obstante, em seus justos limites.

## **CAPÍTULO IV:**

### **O TEMPERAMENTO MELANCÓLICO**

**(Patrono: Santa Teresinha de Lisieux)**

#### **I. Essência do temperamento melancólico.**

A alma do melancólico se irrita debilmente pelas influências externas, e sua reação, se é que tem alguma, é, do mesmo modo, débil. Porém, tal irritação, ainda que seja sempre débil, permanece por longo tempo na alma, e, favorecida por novas impressões, que se repetem sempre no mesmo sentido, aprofunda-se cada vez mais, até o ponto de apoderar-se da alma, movê-la com violência e não se deixar arrancar logo sem dificuldade. As impressões na alma do melancólico podem ser comparadas a uma estaca, que, com as marteladas, vai se afundando na terra com crescente tensão, fixando-se com tanta firmeza que não é fácil arrancá-la. Essa nota característica do melancólico merece atenção especial, uma vez que nos dá a chave para poder compreender muitas coisas que, na conduta do melancólico, nos parecem inexplicáveis.

#### **II. Principais disposições de ânimo do melancólico.**

##### **i. Propensão à reflexão.**

Em seu modo de raciocinar, o melancólico se detém demasiadamente em todos os antecedentes até as últimas causas. Como de bom grado se põe a considerar o passado, sempre volta à lembrança de acontecimentos já ocorridos há muito tempo. Seu pensamento tende ao profundo, não permanece na superfície, mas, seguindo as causas e a conexão dos fatos, investiga as leis ativas da vida humana, os princípios segundo os quais o homem deve agir. Por fim, seus pensamentos se estendem a um vasto campo, penetram o porvir e se elevam até a eternidade.

O melancólico possui o coração cheio de abundantes e ternos afetos, podendo, de certo modo, sentir aquilo que pensa. Suas reflexões se acompanham de um misterioso anelo. Ao meditar sobre seus projetos e particularmente sobre assuntos religiosos, sente-se comovido em seu interior, e às vezes profundamente agitado. Deixa, porém, transparecer muito pouco em seu exterior essas ondas de violenta emoção.

O melancólico sem formação incorre facilmente em um ponderar e sonhar acordado, porque não é capaz de resolver as muitas dificuldades que o cercam por todos os lados.

## **ii. Amor à solidão.**

O melancólico normalmente não se sente bem na companhia dos homens, mas prefere o silêncio e a solidão. Isola-se do que o rodeia e emprega mal os seus sentidos, encerrando-se em si mesmo. Na presença dos outros, fica facilmente distraído e não escuta nem presta atenção, por estar ocupado em suas próprias ideias. Pelo mal-uso que faz de seus sentidos, não presta atenção nas pessoas, como se estivesse sonhando, e nem sequer cumprimenta os amigos na rua. Essa falta de atenção e esse sonhar de olhos abertos lhe acarretam mil contrariedades em suas tarefas e na vida quotidiana.

## **iii. Séria concepção da vida e inclinação à tristeza.**

O melancólico sempre considera as coisas em seu aspecto mais sombrio e adverso. No íntimo de seu coração se encontra continuamente certa melancolia suave, certo “chorar interior”, o que não provém – como afirmam alguns – de uma doença ou disposição mórbida, mas sim de um profundo e vivo impulso que o melancólico sente em direção a Deus e à eternidade, impulso ao qual não pode corresponder, atado à terra como está, pelo peso e as cadeias da matéria. Vendo-se fora de sua verdadeira pátria e considerando-se um peregrino neste mundo, sente nostalgia da eternidade.

## **iv. Propensão à quietude.**

O temperamento melancólico é um temperamento *passivo*.

O melancólico não conhece o proceder acelerado, impulsivo e laborioso do colérico e do sanguíneo; é, antes, lento, reflexivo e cauteloso. Não é fácil pressioná-lo a ações rápidas.

Em uma palavra, no melancólico se nota uma acentuada inclinação à quietude e à passividade. Desse ponto de vista se explica também o medo que ele tem dos sofrimentos e o seu temor pelos esforços interiores e pela abnegação de si mesmo.

### **III. Particularidades do melancólico.**

#### **i. O melancólico é muito reservado.**

O melancólico dificilmente se aproxima de pessoas estranhas ou inicia conversas com desconhecidos. Revela seu interior com suma reserva, abrindo-se normalmente apenas com quem tem mais confiança, e, quando o faz, não encontra a palavra adequada para expor a disposição de sua alma. De fato, experimenta grande alívio por poder comunicar a um homem que o entenda os tristes e sombrios pensamentos que pesam sobre sua alma. Porém, até chegar a tal colóquio, deve superar numerosas dificuldades, e será tão inábil na própria fala que, apesar de sua boa vontade, não estará tranquilo. Tais experiências o tornam ainda mais reservado. Um educador deve conhecer e ter em conta essa característica do melancólico, do contrário tratará seus educandos melancólicos com grande injustiça. Confessar-se geralmente custa muito ao melancólico, ao contrário do sanguíneo. O melancólico gostaria de desabafar-se por meio de um colóquio espiritual, mas não o pode; o colérico poderia expressar-se, mas não o quer.

#### **ii. O melancólico é irresoluto.**

Por suas demasiadas reflexões, seu temor pelas dificuldades e seu medo de que seu projeto ou trabalho a empreender fracasse, o melancólico não termina nunca de se resolver. Protela de bom grado a decisão de um assunto ou o despacho de um negócio. Deixa para amanhã, ou depois de amanhã, ou ainda para a semana seguinte o que poderia fazer no mesmo instante. O resultado é que logo se esquece do que deveria fazer e passa meses inteiros para fazer o que poderia ter feito em uma hora. O melancólico nunca acaba o que começa. Muitos precisam de longos anos para ter clara a sua vocação religiosa e tomar o hábito. O melancólico é o homem das oportunidades perdidas. Enquanto os outros já estão do outro lado do fosso, ele ainda está pensando e reflexionando, sem se atrever a dar o salto. Descobrimo, em suas exaustivas ponderações, vários caminhos que conduzem à mesma meta, e não podendo se decidir sem grande dificuldade por um determinado caminho, concede facilmente a razão aos outros, e não persiste com obstinação em suas próprias opiniões.

#### **iii. O melancólico se desanima.**

Ao começar um trabalho, ao executar um encargo desagradável, ao adentrar um terreno desconhecido, o melancólico mostra desânimo e acanhamento. Dispõe de uma

vontade firme, e não lhe falta talento nem vigor, mas lhe faltam muitas vezes valor e ânimo suficientes. Por isso se diz, com razão: “O melancólico precisa ser atirado na água para aprender a nadar”. Se em seus empreendimentos se lhe interpõem algumas dificuldades, ainda que sejam de pouca importância, ele perde o ânimo e tem vontade de largar tudo em vez de se superar, de compensar e recuperar as perdas, redobrando os esforços.

#### **iv. O melancólico é lento e pesado.**

O melancólico é lento:

a) em seu pensamento: tem necessidade de considerar tudo com atenção e examinar tudo seriamente, até poder formar uma opinião discreta.

b) em seu modo de falar: quando se vê obrigado a responder rapidamente, ou a falar em um estado de perplexidade, ou quando teme que de suas palavras possam resultar graves consequências. Nessas situações, fica nervoso, não encontra a resposta adequada e, às vezes, dá uma resposta falsa ou insuficiente. Seu acanhamento e pesar interior talvez sejam a causa pela qual o melancólico tropeça com frequência em suas palavras, não termina suas frases, emprega mal a sintaxe e vive procurando a propriedade de expressão.

c) em seus trabalhos: trabalha com esmero e firmeza, mas sozinho, sem pressão e com muito tempo. Ele mesmo, porém, não se considera lento em seus trabalhos.

#### **v. O orgulho do melancólico.**

Tem seu aspecto muito particular. O melancólico não aspira a honras, ao contrário, tem certo medo de mostrar-se em público e de aceitar louvores. Teme muito os sufocos e as humilhações. Retrai-se muitas vezes, dando aparências de modéstia e humildade, o que na realidade não é uma prudente reserva, mas sim um certo temor à humilhação. Nos trabalhos, empregos e ofícios, cede a liderança a outros menos qualificados e mesmo incapazes, sentindo-se, contudo, ferido interiormente por não ser respeitado e por seus talentos não serem apreciados o bastante. O melancólico, se quer realmente chegar à perfeição, precisa dirigir sua atenção a esse seu despeito de modo muito especial, pois está enraizado muito profundamente em seu coração e é fruto da soberba. Deve prestar muita atenção também em sua sensibilidade e susceptibilidade às menores humilhações.

De tudo o que foi dito, conclui-se que é muito difícil lidar com os melancólicos, pois por suas particularidades não os estimamos na medida certa, nem sabemos como tratá-los com acerto. Ao perceber isso, o melancólico se torna ainda mais sério e solitário. O melancólico tem poucos amigos, porque não são muitos os que o compreendem e os que gozam de sua confiança.

### **IV. Qualidades do melancólico.**

### **i. O melancólico pratica com facilidade e de bom grado a oração mental.**

A séria concepção da vida, o amor à solidão, a inclinação à reflexão, são características do melancólico totalmente proveitosas para alcançar uma grande intimidade em sua vida de oração. O melancólico possui, por assim dizer, uma predisposição natural à piedade. Contemplando as coisas terrenas, pensa na eternidade; caminhando na Terra, o Céu o atrai. Muitos santos tiveram o temperamento melancólico. Contudo, o melancólico também encontra uma dificuldade para a oração precisamente em seu temperamento. Desanimando-se nas adversidades e nos sofrimentos, falta-lhe a confiança em Deus, e assim se distrai com seus pensamentos sombrios de pusilanimidade e tristeza.

### **ii. No trato com Deus, encontra uma profunda e inefável paz.**

Ninguém entende tão bem quanto o melancólico o que disse Santo Agostinho: “Para Vós nos criastes, ó Deus, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em Vós”. O coração brando e cheio de afetos do melancólico sente, no trato com Deus, uma imensa felicidade, que conserva também em seus sofrimentos, caso tenha suficiente confiança em Deus e amor ao Crucificado.

### **iii. O melancólico é muitas vezes um grande benfeitor da humanidade.**

O melancólico é para os demais um guia no caminho para Deus, um bom conselheiro nas dificuldades, um superior prudente, benévolo e digno de confiança. As necessidades de seus semelhantes lhe despertam muita comiseração e um grande desejo de ajudá-los, e, quando a confiança em Deus o encoraja e sustenta, sabe fazer grandes sacrifícios pelo bem do próximo e permanecer firme e sereno na luta por seus ideais. Schubert, em sua *Ciência da alma humana*, diz, a respeito da natureza melancólica: “Esta tem sido a forma predominante da alma dos poetas e artistas mais sublimes, dos pensadores mais profundos, dos inventores e legisladores mais geniais e sobretudo daqueles espíritos que abriram ao seu tempo e ao seu povo o acesso a um mundo feliz e superior, ao qual elevaram eles mesmos suas próprias almas, atraídos por inextinguível nostalgia”.

## **V. Defeitos do melancólico.**

### **i. Os melancólicos incorrem em temíveis angústias por seus pecados.**

Penetrando mais que os outros no profundo da alma pelo anelo a Deus, o melancólico se ressentido muito particularmente do pecado. O pensamento de estar separado de Deus pelo pecado mortal o abate mais do que qualquer outra coisa. Se alguma vez cai profundamente, não se levanta, senão com grande dificuldade, pois que lhe custa muito se confessar, pela

humilhação a que deve se submeter. De qualquer forma, o melancólico vive em constante perigo de recair no pecado, pois permanece continuamente pensando sobre seus pecados passados. Isso é muitas vezes causa de novas e graves tentações, nas quais ele se deixa levar com facilidade por sensibilidades e tristes sentimentos que aumentam mais a força da tentação. A obstinação no pecado ou a recaída nele o submergem em uma profunda e prolongada tristeza que pouco a pouco o priva da confiança em Deus e em si mesmo. Encontrando-se nessa situação, torna-se vítima de pensamentos como: “Não tenho as forças necessárias para me levantar”, “Nem Deus me envia o auxílio de que preciso para isso”, “Deus não me ama, mas quer me condenar”. Esse estado pode se converter em cansaço de viver. Então o melancólico gostaria de morrer, mas teme a morte. Por fim, seu coração infeliz se rebela contra Deus, acusando-o amargamente e sentindo em si a agitação do ódio e da maledicência contra seu Criador.

**ii. Os melancólicos sem a confiança em Deus e o amor à cruz, em meio aos sofrimentos, são arrastados a um excessivo desânimo, à passividade e mesmo à desesperação.**

Se os melancólicos tiverem confiança em Deus e amor à cruz, aproximar-se-ão a Deus e se santificarão precisamente pelos padecimentos, como a enfermidade, os fracassos, as calúnias, os tratos injustos etc. Porém, se lhes faltarem essas duas virtudes, irão muito mal. Penas, talvez muito insignificantes, lhes sobrevirão, e então se entristecerão e ficarão deprimidos, carrancudos e desgostosos. Não falarão nada ou falarão muito pouco, com muita má vontade e de cara fechada, fugirão da companhia dos homens e chorarão continuamente. Logo lhes acabará o ânimo para seguir adiante em seus trabalhos, perderão a alegria em sua vida profissional, encontrando complacência em ver tudo pelo lado mais negro. Sua contínua disposição de ânimo será: “Nas 24 longas horas do dia não conheço nada além de dores e sofrimentos”. Esse estado pode chegar a se transformar em formal melancolia e desesperação.

**iii. Os melancólicos que se entregam aos sentimentos de tristeza incorrem em muitas faltas contra a caridade e chegam a ser gravosos para os outros.**

a) *O melancólico perde facilmente a confiança* em seus semelhantes, em particular em seus superiores e no confessor, apenas por descobrir neles alguns defeitos insignificantes, ou por receber deles algumas leves repreensões.

b) *Fica interiormente revoltado e indignado com veemência* por qualquer desordem e injustiça que percebe. O motivo de sua indignação pode-se justificar muitas vezes, mas não o grau da sua raiva: nela vai longe demais.

c) *Difícilmente consegue esquecer as ofensas*. Deixa passar as primeiras, mas se chegam a se repetir as indelicadezas, estas penetrarão no mais profundo de sua alma, incitando-lhe uma dor difícil de superar, e despertando-lhe profundos sentimentos de vingança. Não repentinamente, mas pouco a pouco vai-se infiltrando no melancólico o vírus da antipatia àquelas pessoas em cujas mãos tem de sofrer muito ou em quem encontre algum

defeito criticável. Tal aversão chega a ser tão veemente, que mal se digna de olhar para essas pessoas ou de dirigir-lhes a palavra, e o enche de aborrecimento e irritabilidade apenas a lembrança delas.

d) *O melancólico é muito desconfiado.* Raras vezes confia em alguém, temendo sempre que não lhe seja benévolo. Desse modo, tem, com frequência e sem motivo algum, duras e injustas suspeitas do próximo, imagina que ele tenha más intenções e teme perigos que não existem.

e) *Para ele, tudo vai mal.* Em suas conversas, o melancólico gosta de se lamentar, chamar a atenção para o lado mais sério, queixar-se muitas vezes sobre a malícia dos homens, os tempos funestos que correm e a decadência dos bons costumes. Seu refrão é sempre este: “Vamos de mal a pior”. Nas adversidades, fracassos e ofensas, também considera e julga as coisas piores do que realmente são. Como consequência, segue-se às vezes uma tristeza exagerada, um grande e infundado aborrecimento aos demais, cavilações variadas sobre injustiças, reais ou supostas. E tudo isso dura por dias ou semanas.

Os melancólicos que se abandonam a essa inclinação de ver tudo pelo lado mais sombrio e triste chegam a ser: pessimistas, isto é, pessoas que em todo lugar esperam sempre pelo pior; hipocondríacos, pessoas que, em pequenos padecimentos corporais, se lamentam continuamente, temendo sempre doenças perigosas; misantropos, pessoas que, adoecendo de esquivança e ódio aos homens, manifestam aversão ao trato humano.

f) O melancólico tem uma *dificuldade particular na correção e repreensão dos demais.* Como já foi dito, o melancólico fica demasiadamente indignado ao notar desordens e injustiças e se sente na obrigação de intervir contra esses transtornos, ainda que muitas vezes não tenha ânimo nem habilidade para fazer censuras. Antes de dirigir a repreensão, detém-se a meditar sobre o modo de proceder e as palavras que há de empregar; mas, no momento em que tem de falar, ou as palavras lhe ficam engasgadas, ou faz a censura tão cautelosamente, com tanta delicadeza e reserva, que quase não merece o nome de reprimenda. Em toda a sua conduta se nota quão difícil é para ele castigar os outros. Quando o melancólico quer dominar essa sua timidez, acontece facilmente o extremo contrário: dirige a admoestação com raiva e nervosismo, ou prorrompe em palavras demasiado severas, não conseguindo alcançar, assim, nenhum fruto verdadeiro. Essa dificuldade é a cruz pesada dos superiores melancólicos. Não sabem direcionar com destreza a ninguém, e por isso acumulam muita raiva e deixam com que muitas desordens lancem suas raízes, ainda que sua consciência lhes admoeste para que se oponham a esses transtornos. Mesmo assim, os educadores melancólicos têm a grande fraqueza de calar-se demais diante das faltas de seus subalternos e, ao repreendê-los logo, o fazem de forma grosseira e ruidosa, desanimando e paralisando os educandos em sua formação, em vez de animá-los.

## **VI. Como o melancólico deve edificar a si mesmo.**

1. O melancólico tem de fomentar em si uma grande confiança em Deus e amor aos sofrimentos. Disso dependerá todo o resto. A confiança e o amor à cruz são os dois pilares com os quais se manterá de pé com tanta firmeza que nem nas provações mais graves há de sucumbir aos pontos fracos de seu temperamento. A desgraça do melancólico está em não

carregar a própria cruz e a sua salvação é aceitá-la com gosto e alegria (não à força). Por isso, o melancólico deve considerar sempre a divina Providência, a bondade do Pai celeste, que envia as penas para o nosso bem, e guardar também uma terna devoção à Paixão de Cristo e à Virgem Dolorosa.

2. Se sentimentos de antipatia, simpatia, desânimo, desconfiança ou abatimento lhe assaltam, tem de resistir desde o princípio, a fim de que as más impressões não penetrem demais em sua alma.

3. Quando está triste, deve dizer a si mesmo: “As coisas não estão assim tão mal como você pensa, você aumenta demais os problemas”.

4. O melancólico deve estar sempre bem ocupado, para não dar chance às cavilações. O trabalho assíduo o ajuda a superar tudo.

5. O melancólico precisa cultivar as boas qualidades de seu temperamento, em particular a inclinação à vida interior e a compaixão pelas desgraças alheias, mas ao mesmo tempo tem de combater constantemente suas particularidades e pontos fracos, indicados acima.

6. Santa Teresa, em um capítulo especial sobre o tratamento dos melancólicos mal dispostos, diz: “Sem muita dificuldade pode-se perceber que se inclinam de um modo particular a impôr sua vontade, a preferir tudo o que lhes vem à mente, a deter-se a considerar as faltas alheias para ocultar as próprias, e a buscar sua satisfação e sua paz em seu próprio capricho”. Santa Teresa faz notar aí dois pontos nos quais o melancólico precisa se concentrar de modo particular em sua edificação. Com muita frequência o melancólico fica demasiadamente irritado, cheio de amarguras e aflições, porque seus pensamentos não se ocupam em nada além das faltas dos outros ou porque queria que tudo fosse segundo o seu gosto e a sua vontade. O melancólico pode cair no mal humor e no desânimo, quando as coisas não acontecem, mesmo nos mínimos detalhes, como ele queria. Por isso, o melancólico, quando se vê invadido pela tristeza, deve se perguntar: “Será que de novo não me detive demais nas faltas do próximo? Tenho de deixar que os outros façam como quiserem. Isso ou aquilo não aconteceu como eu queria? Devo convencer-me de uma vez por todas da verdade das palavras da Imitação de Cristo: ‘Por que te perturbas se não acontece o que queres e desejas? Quem é que tem todas as coisas segundo a sua vontade? Certamente nem eu, nem tu, nem homem algum sobre a Terra. Não existe homem neste mundo que não tenha tribulações ou angústias, mesmo que seja o Papa. Quem é, pois, que está na melhor situação? Decerto é aquele que pode padecer algo por Deus’” (Livro I, cap. 22).

## **VII. O que se deve observar no tratamento e na edificação de um melancólico.**

a) É preciso tentar *compreender o melancólico*. Os melancólicos apresentam muitos enigmas em sua conduta para aquele que não conhece as características desse temperamento. Por conseguinte, deve-se estudá-lo e, ao mesmo tempo, esforçar-se para averiguar de que modo se distingue na pessoa interessada. Sem esses conhecimentos, muitos erros graves serão cometidos no trato com melancólicos.

b) Deve-se *ganhar a confiança do melancólico*, o que certamente não é fácil, e só se consegue dando-lhe bom exemplo em tudo e buscando sinceramente o seu bem.

c) *Encorajá-lo sempre*. Repreensões ásperas, trato brusco e dureza de coração abatem e paralisam as forças do melancólico. Palavras atentas e animadoras, paciência resistente e constante lhe dão ânimo e vigor.

d) Deve-se *exortar o melancólico ao trabalho*, mas sem esmagá-lo com este.

e) Como levam tudo muito a sério e trabalham muito com os sentimentos e o coração, os melancólicos estão muito expostos ao perigo de debilitar os nervos, portanto deve-se ter cuidado para que os subalternos melancólicos *não esgotem completamente suas forças*. Desgastados os nervos, os melancólicos caem em um estado lamentável de prostração, e não se aliviam senão com grandes dificuldades.

Na educação da criança melancólica também é preciso procurar tratá-la com afabilidade, encorajá-la e estimulá-la ao trabalho. Além disso, deve-se acostumá-la a se expressar bem em suas conversações, a empregar bem seus sentidos e a cultivar a piedade. Tome-se um cuidado especial no castigo do melancólico, pois os desacertos têm, sobretudo nesse ponto, funestas consequências, fazendo com que ele se torne demasiadamente teimoso e reservado. Portanto, é necessário ter muita prudência e bondade ao castigá-lo, evitando ao máximo as aparências de injustiça.

## **CAPÍTULO V:**

### **O TEMPERAMENTO FLEUMÁTICO**

**(Patrono: Santo Tomás de Aquino)**

#### **I. Essência do temperamento fleumático.**

As várias impressões provocam tão somente uma irritação débil na alma do fleumático, se é que a afetam de algum modo. A reação é igualmente débil, quando não chega a faltar por completo. As impressões desaparecem logo.

#### **II. Disposições de ânimo fundamentais do fleumático.**

a) O fleumático não se interessa muito pelo que se passa no exterior ao seu redor.

b) Demonstra pouca vontade de trabalhar. Dá, ao contrário, grande preferência ao descanso. Tudo nele caminha e se desenvolve muito devagar.

#### **III. Qualidades do fleumático.**

a) Trabalha devagar, mas com assiduidade, contanto que não precise pensar muito em seu trabalho.

b) Não se irrita facilmente nem por insultos, nem por fracassos ou indisposições. Permanece tranquilo, paciente e discreto e tem um juízo prático e sóbrio.

c) Não conhece grandes paixões nem grandes exigências ao longo da vida.

#### **IV. Defeitos do fleumático.**

a) É muito propenso a descansar, a comer e a beber, sendo, além disso, preguiçoso, lerdo e negligente no cumprimento de suas obrigações.

b) Não tem energia, nem se propõe um ideal elevado, nem sequer em sua devoção.

#### **V. O que se deve observar no trato e na edificação de um fleumático.**

É extremamente difícil educar as crianças fleumáticas, pois se deixam comover muito pouco por sensações exteriores e já se inclinam à passividade por natureza. É de fundamental importância explicar-lhes tudo até nos detalhes, repetindo-o mil vezes, para que ao menos compreendam algo. Deve-se acostamá-los com grande paciência e carinho a uma vida bem ordenada. A aplicação do castigo corporal traz consigo menos perigo e porta maiores frutos na educação das crianças fleumáticas do que na das outras, sobretudo coléricos e melancólicos.

### **CAPÍTULO VI:**

#### **OS TEMPERAMENTOS MISTOS**

A maior parte dos homens tem um temperamento misto. Predomina neles um temperamento principal (o colérico, por exemplo), que lhes determina as disposições fundamentais, mas cujos defeitos e qualidades se atenuam ou acentuam sob a influência de outro temperamento. Geralmente, é melhor ter temperamento misto do que puro, pois a combinação suaviza a estreita e vigorosa índole do temperamento predominante. Para facilitar o conhecimento do próprio temperamento, será útil tratar brevemente das seguintes combinações:

##### **i. O temperamento colérico-sanguíneo.**

Nele, a irritação é instantânea, assim como a reação. Em compensação, a impressão não é tão duradoura como no temperamento puramente colérico. A soberba deste se mistura à vaidade, sua ira e teimosia se temperam e moderam, seu coração se ameniza. É, portanto, uma combinação muito feliz.

## **ii. O temperamento sanguíneo-colérico.**

Assemelha-se ao colérico-sanguíneo, com a diferença de que as particularidades do sanguíneo passam ao primeiro plano e as do colérico ao segundo. A irritação e a reação se sucedem de imediato e com veemência, enquanto a impressão não se perde tão depressa quanto no temperamento puramente sanguíneo, ainda que não chegue tão fundo quanto no colérico puro. Os defeitos do sanguíneo, como sua leviandade, superficialidade, distração e loquacidade, estão melhorados pela seriedade e firmeza do temperamento colérico.

## **iii. O temperamento colérico-melancólico e melancólico-colérico.**

Aqui entram em união dois temperamentos sérios e apaixonados: o orgulho, a teimosia e a ira do colérico com o caráter rabugento, rude e taciturno do melancólico. O homem provido de tal combinação de temperamentos necessita de muito domínio sobre si mesmo, a fim de alcançar a paz da alma e de não ser um fardo para os que vivem e trabalham com ele.

## **iv. O temperamento melancólico-sanguíneo.**

Caracteriza-se por uma débil susceptibilidade de impressões, por uma reação igualmente débil e uma impressão não tão duradoura como no temperamento melancólico. O temperamento sanguíneo comunica ao melancólico algo de sua mobilidade, alegria e serenidade. Os melancólicos com uma tonalidade sanguínea são aquela boa gente e almas de Deus incapazes de ofender alguém e sempre emocionadas, que, por outro lado, pecam por falta de força e energia. O temperamento sanguíneo-melancólico é parecido, só que nessa combinação a superficialidade e a inconstância do sanguíneo sobressaem mais.

## **v. O temperamento melancólico-fleumático.**

Homens de tal índole se prestam mais à vida comum do que os puramente melancólicos. Falta-lhes a rabugice, a severidade e as cogitações do melancólico, os quais são substituídos pelo sossego e a insensibilidade do fleumático. Essas pessoas não se escandalizam tão facilmente, sabem suportar insultos e em seus trabalhos sabem se manter tranquilas e constantes.

## CONCLUSÃO

Não nos esqueçamos de que o que deve importar para nós é sobretudo tirar proveito desses conhecimentos em vista do único necessário: nossa santificação pessoal e familiar, nossa salvação eterna. Naturalmente, esse meio concorre muito de longe com esses fins, em um plano meramente dispositivo e natural, mas não deixa de ter sua importância, ao menos negativa, removendo obstáculos (Royo Marin, *Teologia de la Perfección Cristiana*).

### **Podem-se identificar o temperamento sanguíneo de São Pedro e o colérico de São Paulo**

O questionário a seguir pode ajudá-lo a descobrir o seu temperamento. Trate de ser o mais verdadeiro possível para responder às perguntas. Elas se referem à inclinação natural mais do que o que acontece na prática, adquirida pelo esforço e pelo autocontrole. Os números acrescentados no final darão a chave para conhecer o temperamento respectivo a cada um.

## QUESTIONÁRIO

**(As instruções se encontram no final)**

	Sim	Não	Não sei	Temperamento
1. Fica com logo com raiva quando o ofendem, e tende a se vingar e responder com um insulto imediatamente?				
2. Olha a vida sempre do ponto de vista mais sério?				
3. Perde com facilidade a confiança nas pessoas mais próximas?				
4. É muito inclinado a adular as pessoas que ama?				
5. Aceita as explicações cheias razões e motivos, mas fica irritado e resistente quando lhe dão ordens severas?				
6. Gosta de estar acompanhado e dos divertimentos?				
7. Seu pensamento facilmente se torna reflexivo, o que chega a atormentá-lo interiormente, mas sem deixar que os outros percebam?				
8. Fica perturbado pela desordem ou pela injustiça?				
9. Tem ou demonstra pouco interesse pelo que se passa consigo mesmo?				
10. Encontra dificuldade em confiar nas pessoas e sempre teme que os outros lhe guardem rancor?				
11. Não gosta de longas reflexões e se distrai facilmente?				

12. Geralmente não se abala tanto no momento de uma ofensa, mas se sente muito pior algumas horas depois, ou até mesmo no dia seguinte?				
13. Encontra dificuldade em negar a si mesmo a sua comida favorita?				
14. Irrita-se facilmente por uma ofensa, mas pouco tempo depois volta a ser amável?				
15. É uma pessoa entusiasta, não ficando satisfeito, por exemplo, com o cotidiano, mas aspira a coisas nobres e boas, temporais ou espirituais?				
16. Geralmente não gosta de admitir uma debilidade ou derrota, tentando, como consequência, esconder dos outros, inclusive por meio de mentiras evidentes?				
17. Gosta do silêncio, da solidão e de estar afastado da multidão?				
18. Fica facilmente com ciúmes, inveja ou pouco caritativo?				
19. Sente-se à vontade quando está em uma posição de comando?				
20. Passa muito tempo deliberando, ainda que lhe custe muito tomar decisões?				
21. Gosta que o adulem?				
22. Queixa-se por indisposições insignificantes e com frequência teme estar gravemente doente?				
23. Tem grande tendência a relaxar-se, comendo e bebendo?				
24. Facilmente se desanima pelas dificuldades em seus empreendimentos ou intentos?				
25. Encontra dificuldade em conhecer novas pessoas, falar entre estranhos, encontrar as palavras corretas para expressar seus sentimentos?				
26. É muito preocupado com a própria aparência e a dos demais, desde o rosto bonito até a roupa elegante e moderna?				
27. Persevera, mesmo com grandes dificuldades, até conseguir alcançar seu objetivo?				
28. Fica desconfiado e reservado diante de uma palavra rude ou uma expressão facial pouco amistosa?				
29. Acha difícil guardar os olhos, os ouvidos, a língua e ficar calado?				
30. Aborrece aparecer em público e ser elogiado?				
31. Deixa que os outros sejam preferidos, mas ao mesmo tempo se sente diminuído por estar sendo ignorado?				
32. Desagrada-lhe (e inclusive chega a odiar) as carícias e o sentimentalismo?				
33. Demonstra-se despreocupado (e até mesmo cruel), com respeito ao sofrimento dos demais, chegando a não se importar				

com o bem-estar dos outros se não pode alcançar de outra maneira suas próprias metas?				
34. É pouco inclinado a trabalhar, preferindo o descanso e o tempo livre?				
35. Não é perseverante, ou perde rapidamente o interesse no que faz?				
36. É inclinado a uma desordenada proximidade a outras pessoas e a ser paquerador?				
37. Não gosta de corrigir os outros, o que se demonstra de duas formas: a) corrige de maneira tão discreta que os outros nem percebem; b) grita com raiva e irritação para corrigir?				
38. Vê tudo, ouve tudo e fala de tudo?				
39. Ama o trabalho leve que chama a atenção, no qual não seja necessária reflexão nem muito esforço?				
40. Considera a si mesmo alguém tão extraordinário que tem sempre razão, de modo que não precisa da ajuda dos demais?				
41. Menospreza ou persegue, inclusive mediante comentários e meios injustos, aos que se atrevem a se lhe opor?				
42. Pode passar rapidamente das lágrimas ao riso e vice-versa?				
43. Cativa-o facilmente uma nova ideia ou ambiente?				
44. Gosta de variedade em tudo?				
45. Mantém-se composto, pensativo, reflexivo, com juízo sensato e prático ao enfrentar o sofrimento, o fracasso ou as ofensas?				
46. Gosta de rir ou tirar sarro dos outros, fazer piadas?				
47. Surge facilmente uma aversão em seu coração contra uma pessoa que o fez sofrer ou que pisou na bola, aversão às vezes tão forte que o faz não querer lhe falar ou não poder vê-la sem fechar o semblante?				
48. Chateia-se com a oposição, a resistência e as ofensas pessoais e manifesta sua raiva com palavras severas que parecem corteses, mas que podem chegar a ferir a outra pessoa?				
49. Qual destas disposições são as suas? Escolha uma ou duas opções: a) obstinação, raiva, orgulho; b) preguiça, falta de energia; c) falta de coragem, evasão do sofrimento; d) verborreia, falta de coerência.				
50. Qual destas características lhe são naturais? Escolha uma ou duas opções: a) bom caráter, tranquilo; b) empatia com os outros, amor pela solidão e pela oração; c) vontade firme, energia, audácia, ambição; d) alegria, facilidade para lidar bem com pessoas difíceis.				

Algumas das perguntas anteriores se referem a dois ou mais temperamentos, são coincidentes.

O temperamento colérico é indicado nos seguintes números: 1, 5, 8, 15, 16, 19, 27, 32, 33, 40, 41, 47, 48, 49a, 50c.

O temperamento sanguíneo: 4, 6, 11, 13, 14, 20, 21, 24, 26, 29, 34, 35, 36, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 49d, 50d.

O temperamento melancólico: 2, 3, 5, 7, 8, 10, 12, 13, 17, 18, 20, 22, 24, 25, 28, 30, 31, 37, 47, 49c, 50b.

O temperamento fleumático: 9, 23, 34, 35, 45, 49b, 50a.

Observação: Responda as perguntas primeiro, de forma honesta, simples e sincera; depois, classifique-as de acordo com os números. A lista seguinte ordenará as diferentes características, de acordo com cada temperamento, e ajudará a obter um conhecimento mais pleno do próprio temperamento.

## **TRAÇOS CARACTERÍSTICOS ORDENADOS SEGUNDO CADA TEMPERAMENTO**

### **1. Temperamento sanguíneo**

- É composto, talvez audaz, raras vezes mostra sinais de vergonha.
- Entusiasmo para se expressar diante várias pessoas; gosta o escutem.
- Prefere atividades em grupo; não gosta de trabalhos individuais.
- Não é insistente com suas ideias ou projetos; está de acordo com os desejos dos outros; é dócil e flexível.
- Detalhista; prefere as atividades que requerem vitalidade e energia.
- Impetuoso e impulsivo; suas decisões são frequentemente (geralmente) incorretas.
- Profundamente vivaz no ambiente, tanto físico e quanto social; é curioso.
- Tende a ter o êxito por certo; é um imitador; falta-lhe iniciativa.
- Amável e cordial, mesmo com estranhos; estabelece vínculos com os outros facilmente.
- Tende a ter um espírito alegre; não é dado à preocupação e à ansiedade; despreocupado.
- Busca muitas grandes amizades; não é seletivo, e se o é nas amizades, nos divertimentos não.
- Movimentos rápidos e decididos, executados com muita potência ou excessiva energia.
- Muda de uma atividade a outra com rapidez; pouca perseverança.
- Faz ajustes facilmente; as mudanças lhe são bem-vindas; faz o melhor possível.
- Franco, falador, sociável, as emoções se expressam imediatamente; não é cerimonioso.
- Frequentes mudanças de humor; tende muitas vezes a alternar o júbilo com a depressão.

## **2. Temperamento colérico**

- É composto, talvez audaz, raras vezes mostra sinais de vergonha.
- Entusiasmo para se expressar diante várias pessoas se tem um propósito em mente.
- Insistente com suas ideias ou projetos; está de acordo com os desejos dos outros; argumentativo e persuasivo.
- Impetuoso e impulsivo; mergulha em situações nas quais não teria se envolvido se houvesse pensado antes.
- Confiança em si mesmo e independência; tende a ter o êxito como garantido.
- Forte iniciativa; tende a ser alegre; raras vezes se deprime; prefere ser o líder.
- Fica facilmente ofendido; reage fortemente ante os elogios ou a repreensão.
- Não se preocupa nem fica ansioso; fechado.
- Rápido e decidido no movimento, se exprime com excessiva energia.
- Acentuada tendência a perseverar; não abandona algo de forma imediata sem se importar em fracassar.
- As emoções não se expressam livre e espontaneamente, exceto a raiva.
- Mostra o melhor que tem; quiçá presunçoso; pode usar de hipocrisia, engano e dissimulação.

## **3. Temperamento melancólico**

- É tímido, envergonha-se facilmente; envergonhado.
- Evita falar diante de várias pessoas; quando é obrigado a falar, encontra dificuldade.
- Prefere trabalhar e estar sozinho. Detalhista, cuidadoso.
- Pensativo; lento para tomar decisões; é, talvez, precavido demais, mesmo em assuntos sem importância.
- Falta de confiança em si mesmo e de iniciativa própria; dócil e flexível.
- Tende a se separar do ambiente; é reservado e distante, exceto para com os amigos mais próximos.
- Tende à depressão; muitas vezes mal-humorado ou deprimido; muito sensível, é facilmente ofendido.
- Não estabelece vínculos imediatamente; prefere ter poucos amigos; tende a excluir a outros.
- Preocupa-se com sua própria miséria; precavido, atravessa a ponte antes de chegar a ela.
- Fechado; reservado; encerrado em si mesmo; não fala, a menos que outro comece primeiro.
- Lento no movimento; reflexivo e até mesmo indeciso; estabilidade e constância de ânimo.
- Muitas vezes se imagina em desvantagem; modesto e simples.

## **4. Temperamento fleumático**

- Deliberativo; lento para tomar decisões; talvez muito precavido em assuntos de menor importância.
- Indiferente aos assuntos externos.

- Reservado e distante.
- Lento nos movimentos.
- Acentuada tendência à perseverança.
- Constância de ânimo.